



Comida e memória no diário de Lili Jaffe

Food and memory in Lili Jaffe's diary

Felippe Lima*

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) | Belo Horizonte, Brasil

felippelima@ufmg.br

Resumo: Este artigo discute, na obra *O que os cegos estão sonhando* (2012), as representações em torno da comida na ativação da memória e na preservação de vínculos afetivos apesar do trauma. Tendo como cerne o diário de Lili Jaffe (1926-2020) escrito após sua prisão em Auschwitz, o livro também simboliza o encontro entre gerações, contando com textos de sua filha, Noemi Jaffe, e sua neta, Leda Cartum. No diário, a sobrevivente descreve a fome e a má qualidade da “ração” distribuída às prisioneiras, bem como o trabalho na cozinha de Auschwitz, quando a comida, trocada por roupas ou contrabandeada às escondidas para judeus famintos, institui relações de camaradagem e subversão. As dificuldades alimentares mudam drasticamente após a libertação das prisioneiras. Na condição de exiladas de guerra, Lili e suas “irmãs de campo”¹ são presenteadas em cidades europeias com doces diversos, que podem comer até enjoar. Na privação ou no excesso, a comida é elaborada tanto como elemento desencadeador da criação de linguagem quanto como bem cultural, perpassando opressões políticas, luta por sobrevivência, diferenças e pertencimentos culturais. Por fim, em seu preparo e partilha, configura-se como um modo de manter a comensalidade judaica viva.

Palavras-chave: Lili Jaffe. Literatura de testemunho. Comida.

Abstract: This article discusses, in the book *O que os cegos estão sonhando?* (2021) (*What are the blind dreaming of?*), representations of food in the activation of memory and in the preservation of emotional bonds despite the trauma. With the core being Lili Jaffe's diary (1926-2020) written after her imprisonment in Auschwitz, the book also symbolizes the encounter between generations, including texts from her daughter, Noemi Jaffe, and her granddaughter, Leda Cartum. In the diary, the survivor describes hunger and the poor quality of the “ration” distributed to the prisoners, as well as her work in the Auschwitz kitchen, where food, exchanged for clothing or smuggled to hungry Jews establishes relationships of camaraderie and subversion. Dietary difficulties change dramatically after the liberation of the prisoners. In their

*Doutorando do Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários, na Universidade Federal de Minas Gerais.

¹SAIDEL, 2009.



status as war exiles, Lili and her “camp sisters”² are presented with all sorts of candy in European cities, which they can eat until they feel nauseated. Whether in deprivation or excess, food is crafted both as a trigger for the creation of language and as a cultural asset, transcending political oppressions, the struggle for survival, differences and cultural affiliations. Ultimately, in its preparation and sharing, it takes shape as a way to keep Jewish commensality alive.

Keywords: Lili Jaffe. Testimonial literature. Food.

1 Rumações da memória: o Diário de Lili Jaffe (1944-1945)

O que os cegos estão sonhando? (2012) soma-se aos tantos textos publicados no Brasil de autoria de mulheres sobreviventes aos campos de concentração nazistas durante a sórdida década de 1940. Encabeçada pela escritora brasileira Noemi Jaffe, que elabora os textos reunidos em capítulo homônimo ao título do livro, e com texto final de autoria de sua filha Leda Cartum, intitulado *Aqui, lá*, a obra gira em torno do diário da matriarca da família, Lili Jaffe (1926-2020), de ascendência judia e nascida na antiga Iugoslávia. Lili dá início à escrita memorialística logo após sua saída de Auschwitz, campo de concentração polonês de extermínio em massa onde permaneceu durante pouco mais de um ano, até ser liberta pelo exército norte-americano da Cruz Vermelha em 1945. Apenas fora do campo, e de posse de papel e lápis, a memória das vivências dolorosas pôde ser registrada, já que, “Se uma mulher fosse encontrada com um papel ou algum instrumento de escrita, ficaria sujeita a severa punição.”³

Nesses termos, por mais que elaborado posteriormente à prisão, o diário busca organizar e reproduzir, com o uso de marcas próprias ao gênero em questão, como as entradas com as datas e os locais onde os acontecimentos se passaram, bem como com o uso de verbos arraigados ao tempo presente, o efeito de vinculação da escrita com a experiência vivida e temporalmente situada. Portanto, a obra se vincula a toda uma tradição autobiográfica produzida ao longo do século XX que marca a intrusão dos registros testemunhais na escrita da história e da literatura. O diário de Lili Jaffe pode ser lido a partir da ótica benjaminiana de recolhimento dos cacos do passado no tempo presente do ato da escrita, movimentação ética e estética que integra a “ascensão do registro da memória – que é fragmentário, calcado na experiência

² SAIDEL, 2009.

³ SAIDEL, 2009, p. 232.



individual e da comunidade, no apego a locais simbólicos e não tem como meta a tradução integral do passado”⁴.

Ao não reproduzir a escrita historicista de cunho positivista, nem a tentativa de narrar integralmente e de forma neutra a vida (e a morte) em meio ao grande evento que foi a Segunda Guerra Mundial, a presença do testemunho na arena de disputas narrativas na qual os sobreviventes da Shoah se apoderaram da elaboração de suas vivências individuais e coletivas faz da memória uma “categoria abertamente mais afetiva de relacionamento com o passado”⁵. Movidas pelas vinculações afetivas com os acontecimentos registrados no diário, originalmente escrito em sérvio e atualmente parte do acervo do Museu do Holocausto de Israel, Noemi e Leda vão a Auschwitz em 2009. A visita, realizada durante o rigoroso inverno polonês, para que as sensações extraídas daquela experiência pudessem estar mais próximas daquelas vividas por Lili, foi, no dizer de Noemi, uma tentativa de “conhecer o lugar onde minha mãe tinha sido prisioneira, para coletar informações e para sentir o que não sabíamos. Queríamos algo que nos escapava”⁶.

Como define Jeanne Marie Gagnebin, na orelha de *O que os cegos estão sonhando?*, este é um livro “escrito a seis mãos, em várias línguas, em vários tempos”. No cruzamento das três gerações marcadas pela Shoah, violência tatuada na alma e na pele de Lili Jaffe, a obra também se configura como uma busca por parte de suas descendentes de entender as reverberações do trauma nos rumos familiares posteriores ao campo de concentração, quando o Brasil se torna o país onde a família, o trabalho e as relações sociais são reconstruídas por vários exilados de guerra, como os pais de Noemi Jaffe. Esse processo constantemente se defronta com o inominável que escapa à referencialidade, mas que não deixa de ecoar nos comportamentos, esquecimentos e silêncios de Lili Jaffe como elemento recalcado que retorna a partir de diferentes mascaramentos da dor, visto que, no testemunho, o passado, ao se relacionar com o trauma, “passa a ser visto não mais como um objeto do qual podemos simplesmente nos apoderar e dominar, antes essa dominação é recíproca”⁷.

Situados nos entremeios do segredo, do esquecimento propositadamente forjado, ou da pretensa superação do trauma, os vácuos da memória de Lili Jaffe são revisitados por sua filha na leitura do diário e ressoam no assombro ainda latente nas ruas e galpões de Auschwitz. Persistem, assim, na escrita de Noemi, em sua busca de

⁴SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 65.

⁵SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 67.

⁶JAFFE, 2012, p. 9.

⁷SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 76-77.



atribuir sentidos para as coisas e situações que materializaram os acontecimentos traumáticos presentes no diário que, por sua vez, revela a memória como sendo uma faculdade que tanto lida com o esquecimento como “trabalha no campo da seleção dos eventos”⁸ definidos por Lili como importantes de serem contados aos seus futuros leitores. Logo, a separação dos pais e do irmão mais velho, a amizade com as primas companheiras de campo, a brutalidade das guardas nazistas, os arames farpados eletrificados, as camas compartilhadas por quatro ou mais mulheres, os lençóis puídos que mal protegiam do frio, os vestidos desproporcionais para os corpos das prisioneiras, as malas e seus pertences roubados pelo exército alemão etc., experiências e objetos elencados por Lili, ganham outras existências e percepções quando atualizados por Noemi Jaffe.

É o que ocorre, por exemplo, na tentativa de simbolizar o tijolo que a mãe tem de equilibrar na cabeça ao assumir a culpa pelo furto de margarina feito por uma de suas primas na cozinha de Auschwitz, para que outra prisioneira pudesse comer com pão. Logo no início do diário, Lili nos revela: “uma das garotas pediu que Alice lhe desse um pouco de margarina, porque ela não tinha nada. Não se sentia bem, não conseguia comer pão seco”⁹. Assim como presente neste trecho, dentre alguns elementos que, como na recorrência de um mote, são fortemente referenciados no decorrer do texto diarístico, a comida se mostra uma tônica nas lembranças elaboradas pela sobrevivente. Como ressalta Noemi,

Nas páginas do seu diário, como nas de vários outros sobreviventes, fala-se muito de comida. Um nabo, uma fatia de maçã, cascas de batata, metade de uma ração de sopa congelada e infectada, um resto de manteiga, tudo é motivo para viver mais um dia, e a vida, nessas condições, é um dia.¹⁰

Chama atenção da filha de Lili Jaffe o fato de que a comida, e principalmente sua falta e má qualidade, foi mais uma dentre as várias ferramentas utilizadas pelos nazistas para rebaixar as vítimas da Shoah: “Os campos de concentração são a fome; mais do que tudo é ela a determinante de todos os outros acontecimentos.”¹¹. Nesse processo de desumanização, como ressalta Noemi: “Parece que a necessidade de comer, para quem passa fome, é mais forte do que a própria necessidade de viver. [...] Viver, assim, reduz-se praticamente a comer; ou melhor, comer é mais do que

⁸SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 71.

⁹JAFFE, 2012, p. 22.

¹⁰JAFFE, 2012, p. 109.

¹¹JAFFE, 2012, p. 111.



viver.”¹² O roubo da dignidade, quando a vida e seu valor se restringiam ao imediatismo da próxima refeição, cumpria o imperativo de animalizar e justificar a perseguição contra aqueles que perdiam seu status humano, visto que, para os nazistas, ocupavam a zona bestial de: “parasitas, bactérias enlouquecidas, girando desnecessariamente num vácuo, desesperadas atrás de migalhas, não para viver, mas para comê-las. Comer para comer”¹³.

Resistir a essas humilhações poderia gerar duras penas, a ponto de a comida tão disputada nos campos se tornar um dos mais eficazes meios de promoção de violência. É o que relata Primo Levi em *Os afogados e os sobreviventes*, na descrição de uma das cenas mais trágicas da literatura da Shoah envolvendo comida, humilhação e castigo:

me foi narrada a história de um “novato” italiano, um militante da Resistência, jogado num Lager de trabalho com a etiqueta de prisioneiro político quando ainda estava no vigor de suas forças. Fora maltratado durante a distribuição da sopa e havia ousado dar um empurrão no funcionário-distribuidor: acorreram os colegas deste último, e o réu foi afogado exemplarmente com a cabeça afundada na panela da própria sopa¹⁴.

Nas primeiras páginas do diário de Lili Jaffe, somos apresentados às dificuldades envolvendo o acesso à alimentação precária e à fome em Auschwitz, testemunhadas também por Primo Levi, bem como à violência submetida contra quem era flagrado roubando alimentos para consumo próprio ou para distribuição clandestina entre prisioneiros famélicos. Todavia, se a comida ocupa um lugar central na narrativa, ela também é alçada como geradora de relações de camaradagem e escambo entre as vítimas, quando os furtos bem sucedidos de alimentos garantiam a realização de trocas para suprir diversas necessidades: “Trocamos a comida e, com isso, arrumamos um vestido para mim.”¹⁵ A comida adquire ainda um valor cabal quando aliada à fome, que se torna o tempero mais eficaz na relação com o alimento, a ponto de fazer de batatas estragadas um prato apetitoso a ser devorado, como lembra Noemi: “Ela conta das batatas podres que comeu, dando muita risada.

¹²JAFFE, 2012, p. 107.

¹³JAFFE, 2012, p. 108.

¹⁴LEVI, 2004, p. 35-36.

¹⁵JAFFE, 2012, p. 20.



Comíamos batatas podres como se fosse ouro! Nunca comi nada tão gostoso. Sabe, quando a gente tem fome, tudo parece bom!”¹⁶.

Na narração de momentos decisivos da história, se, em uma primeira visada, podemos secundarizar o valor material e simbólico da comida e do alimentar-se, na ótica subjetiva do testemunho, a comida perde seu caráter aparentemente supérfluo ligado à esfera da vida privada do indivíduo, inserindo-se na complexidade das relações sociais elaboradas em torno da comensalidade. Ao discutir que, na literatura ocidental, desde a Antiguidade, a comida se apresenta como um importante motivo literário, Maria José de Queiroz defende que “a história do homem abrange não só o relato dos seus feitos heróicos como o das vicissitudes a que a fome e a saciedade o expõem”¹⁷. No contexto da rememoração da privação alimentar nos campos de concentração, o manejo institucional da “ração” (palavra usada pelos sobreviventes quando se referem à comida) é revelado como sendo parte dos objetivos de rebaixar, fazer adoecer e levar à morte pessoas que, além de forçadas ao trabalho exaustivo, ainda eram violentadas pela péssima alimentação servida em baixa quantidade: “os alemães ainda tratavam de alimentá-las miseravelmente”¹⁸.

Essas questões são notadas por Lili Jaffe logo de sua chegada ao campo de concentração, em junho de 1944. Apresentada à rotina rígida do lugar, com horários para acordar e se organizar com as demais mulheres em fila, e para participar da contagem das prisioneiras e do remanejamento destinado às seções de trabalhos forçados responsáveis pela manutenção de Auschwitz, a então jovem de 18 anos entra em contato com a comida servida também em horários rigorosamente definidos:

Mal podíamos esperar aquela água negra e quente — café aquilo não era. Uma tarde nem consegui morder o pão que nos haviam distribuído. Parecia um simples pedaço de tijolo. De fato, era feito de pó de madeira. No primeiro dia, não comi nada. Nem no segundo. Mas depois, precisava. Eu tinha fome. E aquilo que recebia também era pouco.¹⁹

A ojeriza à alimentação servida no campo de concentração durou pouco tempo diante do estômago vazio de Lili. Logo, a fome se mostrava uma dolorosa companheira das mulheres que, assim como ela, precisavam garantir a própria

¹⁶JAFFE, p. 109, grifo da autora.

¹⁷QUEIROZ, 1994, p. 19.

¹⁸GOLDHAGEN, 1997, p. 326.

¹⁹JAFFE, 2012, p. 18.



sobrevivência. Todavia, essa luta por comida não era egoísta, já que deu início à formação de um importante senso de coletividade construído entre Lili, suas primas e demais amigas de campo, conforme revela em seu diário: “Uma vez, Alice, minha prima, trouxe uma batata e um pedaço de repolho, o que era uma alegria. Dividimos tudo em exatos quatro pedaços e comemos como se fosse a refeição mais deliciosa.”²⁰ Rochelle G. Saidel utiliza o termo “irmãs de campo” para se referir às judias que construíram alianças em prol da sobrevivência coletiva por meio das mais diversas táticas de cooperação. Para a autora, tratam-se de vínculos desenvolvidos entre “irmãs de sangue, outras parentas ou pessoas não-aparentadas que se uniam para ajudar-se mutuamente nos campos de concentração”²¹.

Nas vivências coletivas das mulheres aprisionadas pelo nazismo, o aprendizado de papéis sociais ligados ao gênero, obtido do lado de fora dos muros e cercas dos campos de concentração, como costurar, lavar roupas e cozinhar, auxiliou a sobrevivência das prisioneiras diante de condições extremas: “as mulheres sabiam como fazer as escassas rações durar mais e como combinar, trocar ou compartilhar suas próprias porções para melhorar a situação alimentar”²². Também em torno da comida, algumas práticas de resistência frente à desumanização foram tecidas às escondidas. Saidel, ao recolher depoimentos de antigas internas do campo de concentração de Ravensbrück, percebe o quanto o compartilhamento de receitas culinárias pelas quais aquelas mulheres nutriam fortes valores afetivos era constante em suas conversas. Através desses diálogos, “o cozinhar pela imaginação se tornou uma forma de resistência que mantinha elevado o moral dos grupos de mulheres nos campos de concentração”²³.

Como consequência, surgiram, então, os livrinhos de receita, objetos feitos por algumas das prisioneiras com o intuito de provocar distração em meio à fome e à péssima comida, de extrair das lembranças algumas refeições familiares, ou de registrar e não esquecer o modo de preparo de deliciosos alimentos, não perdendo de vista os vínculos culturais com pratos integrantes de ritos religiosos. Esses livrinhos tanto se tornavam objetos afetivos que acompanhavam suas autoras durante a prisão, ficando escondidos dentro de suas roupas, quanto podiam ser oferecidos como presentes às outras irmãs de campo. A esse respeito, Saidel afirma:

²⁰JAFFE, 2012, p. 19.

²¹SAIDEL, 2009, p. 231.

²²SAIDEL, 2009, p. 232.

²³SAIDEL, 2009, p. 74.



Recriar receitas e discuti-las, ou escrevê-las em livros de culinária, constituía uma forma de resistência que de maneira geral era exclusiva das mulheres. Essas mulheres cozinhavam com palavras – para evocar as lembranças de casa, aplacar a fome constante e fornecer às companheiras de campo o alimento para o pensamento no verdadeiro sentido da expressão.²⁴

Muito embora não pudessem concretizar as receitas aprendidas com suas mães e avós, as mulheres de Ravensbrück ememoravam os saberes gastronômicos para, sobretudo, provocar, por meio da linguagem, sabores imaginários. Como escreve Noemi, a comida e a cozinha são convocadas por Lili para trazer à tona seus afetos, como a lembrança da mãe morta pelos nazistas: “Ela fala de sua mãe com muito carinho. Conta que na infância ajudava-a na cozinha. Ficava contando os ovos: um, dois, três, ploft. Um, dois, três, ploft. A cada três ovos, ela quebrava um. Sua mãe via e dava risada.”²⁵ Nessa direção, Queiroz afirma: “Lugar privilegiado do encontro do desejo e do prazer, a comida é mais do que alimento: é linguagem”²⁶. Inerente à resistência de manter os valores simbólicos ligados à alimentação não sucumbir ao apagamento identitário, a relação com a comida se mostra atravessada pela palavra. Por meio desta, as lembranças das delícias saboreadas anteriormente à experiência do campo eram compartilhadas, e vínculos coletivos para a superação da fome e da morte eram firmados, sendo narrados posteriormente nos testemunhos. É o que podemos perceber em diversas passagens do diário de Lili Jaffe, a partir do momento em que passa a trabalhar na cozinha de Auschwitz.

2 O dia a dia na cozinha de Auschwitz: desobedecer para sobreviver

Lili fez parte da equipe da cozinha de um dos pavilhões de Auschwitz, juntamente a suas primas. Sua entrada para o trabalho se deu após ter burlado a seleção feita pelas oficiais do campo de extermínio em massa das 40 cozinheiras que integrariam o grupo responsável por alimentar as demais prisioneiras. Escondendo-se no final da fila formada pelas mulheres previamente selecionadas de acordo com seu porte físico mais forte, a jovem pequena e aparentemente frágil para os serviços da cozinha mente para uma das guardas alemãs, que estranha o fato de a fila, no dia seguinte a sua formação, ter 41 mulheres:

²⁴SAIDEL, 2009, p. 71.

²⁵JAFFE, 2012, p. 107.

²⁶QUEIROZ, 1994, p. 20.



- Escolhi você ontem?
 - Sim, senhora.
 - Mas você é pequena ainda e não precisa cozinhar.
 - Certo. Mas não sou pequena. Tenho três primas e gostaria de ficar com elas.
- Estava furiosa. Mas brincou comigo. Chegou a gostar de mim. Deixou-me ficar e dispensou outras cinco. Fomos. Recebemos roupas. Deram-me um vestido bonito. Não tinha mais medo. Agora sempre ficava à frente das demais.²⁷

Mentir, nesse sentido, foi justamente o que garantiu a sobrevivência da narradora do diário: provavelmente, as cinco mulheres dispensadas da cozinha, que não tiveram a mesma “sorte” de Lili, foram enviadas à câmara de gás ou largadas à morte nos barracões de Auschwitz. Com suas três primas, Lili conhece a rotina estafante da cozinha, regrada por horários de início, mas não de término dos serviços, e por enormes quantidades de alimento para limpar, descascar e cozinhar:

Já faz dois dias que estou na cozinha. É difícil. Acordar às três e logo ir para o trabalho. Descascar batatas, repolho, cenoura, quase sempre até às doze e trinta ou até terminar. Ontem acabou sendo horrível. Tivemos de descascar trezentos quilos de batata, duzentos quilos de repolho. Terminamos às seis da tarde. Mas durante o dia todo tínhamos de descarregar um caminhão e levar tudo para o depósito. Saco de farinha de cento e cinquenta quilos para duas levarem, outro tanto de açúcar. O mais difícil eram os fardos de papel, cinquenta quilos para cada uma. Depois, pão. Fazíamos então uma corrente humana e jogávamos os pães de mão em mão.²⁸

Apesar do trabalho árduo, descobrimos com Lili que quem estava na cozinha dispunha de algumas regalias que, no contexto da prisão, e em comparação com a situação das internas em outras seções, eram bastante especiais: “Às onze horas fomos para o pavilhão. Era de ouro, comparado aos demais. Tínhamos cobertores — dois para cada uma de nós. E de lã. Nas camas, havia seis de nós. Fantástico. Café adoçado. Comida, o quanto aguentássemos. Estávamos satisfeitas.”²⁹ O serviço

²⁷JAFFE, 2012, p. 20-21.

²⁸JAFFE, 2012, p. 21.

²⁹JAFFE, 2012, p. 21.



prestado, portanto, possibilitava a estadia em alocações melhores que protegiam mais efetivamente as internas do frio da Polônia. Além disso, tinha-se comida à vontade, em detrimento das restrições alimentares desumanas que Lili Jaffe vivenciou por algum tempo durante sua chegada a Auschwitz. A facilidade de acesso aos alimentos era o que conduzia também à “compra” de pertences, principalmente roupas, que eram trocadas por comida: “Chegaram os dias frios. O clima é muito mais frio aqui do que em nossa terra. Tínhamos uma boa roupa. Um pulôver quente, bons sapatos. Porque comprávamos aquilo com comida.”³⁰

Todavia, conforme frisamos neste texto, o senso de coletividade, apesar dos privilégios partilhados pelas mulheres da cozinha, se fez mais forte. Diante de tanto alimento mal distribuído, Lili e suas primas se incomodavam com a realidade das demais presas que sofriam com privações alimentares: “Passou-se quase um mês desde que estou na cozinha. Acostumei-me ao fato de que tínhamos tanta comida quanta precisássemos. Mas isso não bastava. Tínhamos muitos conhecidos que passavam fome. Não podíamos ficar, inertes, vendo isso.”³¹ Entra em cena na rotina de Lili Jaffe e suas companheiras de cozinha o furto de alimentos destinados a colegas de campo e aconhecidos iugoslavos que, do outro lado da cerca, na parte masculina do campo, passavam fome. Logo, desobedecer ou transgredir a lei para garantir a sobrevivência do outro era necessariamente correr risco de vida, ato que poderia levar o infrator facilmente à morte. A autora do diário bem sabia disso:

É muito perigoso roubar, ainda que de modo organizado. Coitado daquele que for apanhado por um alemão! Ainda assim, começamos. Uma vez que os nossos conhecidos não estavam em nosso campo, eu tinha de entregar tudo pela cerca eletrificada. Isso era muito perigoso e apenas eu tinha coragem de fazê-lo. O primeiro alemão que visse atiraria imediatamente. E mais: minha mão não podia tocar no arame eletrificado, porque isso também era a morte.³²

Como ressalta Daniel Jonah Goldhagen, não importava muito aos nazistas as consequências ou o alcance da infração cometida por um prisioneiro, “pois pequenos e grandes delitos podiam gerar sentenças similares impostas aos judeus transgressores”³³. Nesse sentido, as coisas mais ínfimas, quando roubadas e

³⁰JAFFE, 2012, p. 27.

³¹JAFFE, 2012, p. 22.

³²JAFFE, 2012, p. 22.

³³ GOLDHAGEN, 1997, p. 318.



flagradas pelos nazistas, adquiriam, por conta do ato de desobediência, um peso mortífero: “Qualquer judeu que furtasse até mesmo o objeto de valor mais baixo, inclusive casca de batata ou roupa de baixo usada, era definido como ‘sabotador’ e executado.”³⁴ Lili narra algumas situações de roubo de comida da cozinha de Auschwitz que, por pouco, não tiraram a sua vida ou a de quem foi beneficiado com o roubo. Em uma delas, como citamos mais acima, obtivera como castigo equilibrar um tijolo na cabeça ao mesmo tempo em que se mantinha de joelho sobre cascalhos. Isto lhe causou uma ferida na perna que a acompanhou nos dias subsequentes à penalização, precisando esconder o membro machucado para que não fosse amputado ou não se configurasse em motivo de morte, já que não estava saudável para o trabalho.

Em outro momento, a narradora descreve o espancamento sofrido por um interno do campo masculino ao lado do seu, que era um conhecido de seu pai, ao ser surpreendido pegando alimentos que Lili lhe passara pela cerca eletrificada:

Abaixou-se para apanhar o pacote e, no mesmo instante, surgiu um alemão no seu campo e, no nosso, a alemã. Percebi tudo e me escondi entre as outras garotas. O coração pulava na minha garganta e eu olhava minha perna dolorida. Ao mesmo tempo, observava-o e me doía ver como o alemão o surrava brutalmente. Atirou-o no chão e não deixou de espancá-lo até que não desmaiasse.³⁵

Para além de causador de castigos cruéis e assassinatos, o furto de comida pode ser lido como um importante ato de rebeldia em Auschwitz, possibilitando a sobrevivência de pessoas largadas à fome e à morte. Mesmo tendo se configurado como um potencial risco, foi justamente a coragem da jovem de furto de pão, margarina, carnes, legumes e verduras que possibilitou a sobrevivência do amigo de seu pai anteriormente espancado: “Com sorte, em três semanas, engordou uns cinco quilos e a malária foi curada. Estava tão grato que dizia que nem sabia como poderia me agradecer.”³⁶ Seguindo esse tom de superação da morte, a partir da libertação das vítimas de Auschwitz pelo exército da Cruz Vermelha, a presença e os sentidos da comida no diário de Lili mudam radicalmente, passando da privação ao excesso.

³⁴GOLDHAGEN, 1997, p. 328.

³⁵JAFFE, 2012, p. 27.

³⁶JAFFE, 2012, p. 27.



3 Depois da amargura de Auschwitz, os doces e a comensalidade judaica

A partir de outubro de 1944, a situação de Lili Jaffe começa a mudar. Após sua saída de Auschwitz, a jovem narra viagens de trem em vagões lotados de mulheres por algumas cidades alemãs, com breve estadia no campo de concentração de Bergen-Belsen, onde pôde se alimentar um pouco melhor: “A comida até que é boa. Pela manhã, café preto ou chá; ao meio-dia, uma sopa com um pouco de carne e abobrinha. De resto, temos sopa três vezes por semana, com duzentos gramas de pão.”³⁷ As notícias de que os exércitos soviético e norte-americano estavam libertando os campos de concentração alimentam a narradora do diário e suas companheiras. Enquanto viaja pela Alemanha, a esperança se mistura ao medo de Lili de ser a qualquer momento assassinada ou de morrer por não suportar a fome e as difíceis condições de sobrevivência nos trens que transferiam as mulheres de um campo para outro: “Já não podíamos nos levantar. Eu tinha um pouco de pão do tamanho de minha unha, amarrado num pano, que segurava sobre a perna. Foi então que decidi colocar na boca. Tentei tirar para recolocar na perna. Engoli. Foi horrível. Hoje minha perna está verde, dói muito.”³⁸

Em maio de 1945, quando o trem em que se encontram Lili, suas primas e demais colegas sobreviventes do campo de concentração chega à Dinamarca, mais precisamente à cidade de Padborg, finalmente é anunciada a libertação das mulheres:

Atravessamos a fronteira alemã. Estamos na Dinamarca. O alemão saltou do trem e grita:

— Hitler morreu! O trabalho está concluído.

Enfermeiras dinamarquesas, com uniformes brancos da Cruz Vermelha, vêm nos retirar dos vagões. Oferecem doces. Nem olhamos mais para esses pães negros e secos. Atiram-nos flores e nos levam de carro, cinquenta por vez. Chegamos a uma propriedade rural. Discursaram para nós. Que não nos aborreçamos por ter de dormir, esta noite, sobre palha. Que levemos em conta que estamos sujas. Ganhamos excelentes cobertores ingleses. Como já estava escuro, não ganhamos comida. Deitamos.³⁹

³⁷JAFFE, 2012, p. 31.

³⁸JAFFE, 2012, p. 38.

³⁹JAFFE, 2012, p. 41.



A partir de então, o tratamento destinado às ex-prisioneiras e a comida que lhes é oferecida mudam bastante quando comparados ao que Lili expõe no começo de seu diário. Antes suprimidas da alimentação, a partir de então, as mulheres eram cuidadas por enfermeiras e estavam alojadas em instalações confortáveis na Dinamarca, podendo se fartar à vontade, por mais que a fome se mostrasse insaciável: “Comi três vezes e ainda não estava satisfeita, mas não era somente eu — todas. Já era meio-dia e ainda não havíamos terminado o café da manhã, de tal modo que fecharam o salão.”⁴⁰ Mesmo ainda convivendo com uma fome que parecia não acabar, o acesso à comida é um importante aspecto gerador da sensação de dignidade e liberdade para Lili: “Liberdade maravilhosa. Não há mais cerca elétrica, ninguém nos vigia, comida quanta desejássemos.”⁴¹

As mulheres são acolhidas com alegria e emoção por onde passam, percorrendo de trem cidades dinamarquesas nas quais são recebidas com chocolates e bolos variados, jogados aos montes pelas janelas: “Os dinamarqueses foram à estação. Enfeitaram o trem com flores. Atiravam dentro do trem balas, chocolate, doces, e o que cada um possuía.”⁴² A voracidade com a qual algumas mulheres antes privadas de comida atacam os alimentos causa admiração nas pessoas que não haviam vivenciado a experiência do campo, e que se aglomeravam curiosas em torno das sobreviventes: “Comíamos muito, sem limpar nada. Estávamos todas enegrecidas. Os dinamarqueses sorriam para nós. Fotógrafos vinham tirar fotos de como comíamos e de como estávamos vestidas.”⁴³ Da Dinamarca, Lili Jaffe e suas companheiras seguem para a Suécia. Na cidade de Malmö, onde inicialmente ficam duas semanas quarentenadas, são surpreendidas com coisas jogadas pelos muros: “Suecos em torno dos muros. Atiram-nos chocolates, roupas, os seus endereços para que lhes escrevamos etc.”⁴⁴

Passados os dias de isolamento, há o acolhimento dos moradores para com as sobreviventes, que eram convidadas para banquetes em diferentes casas de famílias abastadas da cidade. Na residência da família Vollin, Lili descreve uma cena de fartura alimentar: “No saguão, havia mesa posta para nós. Talheres folheados a ouro e pratos ornados a ouro também. Primeiro, café com chantili, cinco tipos de bolo; além disso, biscoitos de chocolate, frutas e, enquanto não comemos tudo, não

⁴⁰JAFFE, 2012, p. 41.

⁴¹JAFFE, 2012, p. 43.

⁴²JAFFE, 2012, p. 42.

⁴³JAFFE, 2012, p. 42.

⁴⁴JAFFE, 2012, p. 46.



permitiram que nos levantássemos.”⁴⁵As pessoas queriam presentear as sobreviventes, talvez na tentativa de remediar tamanho sofrimento vivenciado nos campos, e a comida era um regalo ofertado em excesso para aquelas que haviam passado fome há pouco tempo em Auschwitz.

O banquete também era uma forma de demonstrar a hospitalidade sueca ao grupo de iugoslavas do qual Lili fazia parte, já que a convivência em torno da mesa é um sinal “da identidade do grupo, quer se trate do núcleo familiar ou de toda a população de uma cidade que se reúne em torno de uma mesa comum, seja com a presença física de todos os seus membros, seja por uma representação simbólica”⁴⁶. Os cafés, almoços e jantares oferecidos a Lili e suas companheiras eram, ainda, maneiras de celebrar em comunidade o término da guerra e a libertação daquelas mulheres. Mais do que sanar a fome, aconteciam com o intuito de propiciar “um momento de sociabilidade, em um ato carregado de forte conteúdo social e de grande poder de comunicação”⁴⁷. Logo, a comida ocupa seu lugar por excelência de bem cultural, assim como a comensalidade em torno da mesa posta, sendo uma instituição, desenvolve uma função social. Como ressalta Daniela Bunn, “Banquete: mesa farta. Enquanto a fome era temida, os banquetes celebravam a paz ou a vitória.”⁴⁸

Saindo da casa dos Vollin, as mulheres vão para reuniões em outras residências. Na dos Vikings, já bastante cheias do café anterior, são presenteadas com mais comida: “E, na cozinha, mesa posta para nós. Explicávamos em vão que já havíamos comido, primeiro em casa e depois na casa da senhora Vollin. Tivemos de comer tudo aquilo que havia sido posto para nós, que também era café com chantili e bolo.”⁴⁹ Ao se despedir, vão para a casa dos Lindall, onde também ganham doces: “Oferecemos chocolate. Já tínhamos visto que teríamos de comer aqui também.”⁵⁰ Como podemos observar a partir da leitura do diário, em um ano, a situação das mulheres transita da fome e dos castigos em torno da obtenção de alimentos para o exagero das ofertas de chocolates e bolos. Para Walter Benjamin, devorar ou “comer radicalmente”⁵¹ não é o mesmo que degustar por conta do prazer nisto envolvido.

⁴⁵JAFFE, 2012, p. 52.

⁴⁶MONTANARI, 1998, p. 109, grifo do autor.

⁴⁷MONTANARI, 1998, p. 108, grifo do autor.

⁴⁸ BUNN, 2016, p. 37.

⁴⁹JAFFE, 2012, p. 53.

⁵⁰JAFFE, 2012, p. 53.

⁵¹ BENJAMIN, 1994, p. 213.



Essa experiência radical com a comida é vivenciada com voracidade até atingir o enjojo. É o que descreve o pensador ao lembrar uma comilança de figos:

Mas aquilo já não era um comer, mas um banhar-se, pois o aroma resinoso penetrava minhas coisas, se grudava às minhas mãos, emprenhava o ar, através do qual eu levava minha carga. E, então, sobreveio a culminância do sabor, na qual, quando o fastio e a náusea — as últimas curvas — estão dominadas, o panorama se abre numa imprevista paisagem do palato: uma maré de avidez, sem sabor, sem limite, verdoenga, que nada conhece a não ser a onda viscosa e fibrosa da polpa da fruta aberta, a total transmutação de prazer em hábito, de hábito em vício. Crescia em mim o ódio por aqueles figos; tinha pressa de me arrumar, de me livrar, de me desvencilhar daquela massa que regorgitava, que se desintegrava. Comia para exterminá-la.

52

Comer radicalmente até enjoar, quando a comida perde seu aspecto apetitoso, bem como o deleite pelo seu sabor se desvanece, é um dos sentidos para a experiência de Lili Jaffe na Suécia, em cidades como Malmö, Strengnes, Rosega e Estocolmo. Nestes lugares, a comida também ocupa um lugar central nas descrições dos campos que acolhem as ex-prisioneiras e das visitas às casas das famílias que querem conhecer e oferecer banquetes às mulheres. A glotonaria se faz presente e é motivo de vergonha para Lili, quando algumas sobreviventes comem demais: “Depois do café, não senti que estivesse farta, mas ninguém sentiu... Havia entre nós quem se aproveitasse da bondade dos suecos e apanhasse comida duas vezes; nem ouviam o que eles diziam.”⁵³

Todavia, apesar da gula e da quantidade exorbitante de comida, Lili compartilha em seu diário a percepção de que, após a fome em Auschwitz, a experiência com a comida mudara drasticamente: “Nós, já fazia dezessete meses que não víamos nada de bom, nada de agradável, passávamos fome. Será estranho que agora não sejamos capazes de comer até nos fartar?”⁵⁴ Por mais que se dispusesse de comida à vontade, chama atenção o fato de que a fome e o ato de comer adquirem outros sentidos e simbologias. E isto, talvez porque existissem outras necessidades, como o renascimento da vaidade em um corpo jovem que começava a se interessar e a atrair

⁵²BENJAMIN, 1994, p. 214.

⁵³JAFFE, 2012, p. 46.

⁵⁴JAFFE, 2012, p. 52.



o interesse dos rapazes sobreviventes: “Para mim, comida e descanso já não são tudo. Tenho dezenove anos. Fazia mais de um ano que não me via no espelho.”⁵⁵ Nesse sentido, Lili se volta para um corpo que começa a ganhar peso: “A cada semana estou engordando um quilo. O que acontecerá, se isto continuar assim? Tenho medo de ficar gorda. Já não passei fome? Mas isso foi antes. Que aspecto terei como gorda?”⁵⁶

Além de causar a preocupação com a estética, o excesso de comida não preenche alguns vazios, como a saudade da antiga casa iugoslava e de sua família, da qual Lili só encontra o irmão mais velho, alguns tios e primos. A faltanão é amenizada com a comida sueca, que começa a desagradar Lili, tamanha sua quantidade de açúcar: “Aqui tudo é doce: o pão tem açúcar, o peixe (*ilegível*) e toda comida que nós preparamos com sal, eles adoçam.”⁵⁷ O excesso de doçura se repete em outras cidades suecas com costumes gastronômicos bem diferentes dos de Lili, por meio de uma dieta com base em frutos do mar e molhos açucarados: “A comida não é das melhores, ao menos eu não a considero, porque quase todos os dias temos peixe. Além disso, a comida aqui é doce, quando em nossa terra é salgada.”⁵⁸ As diferenças culturais são descritas no diário até mesmo durante a visita à casa de uma mulher judia que, na cidade de Kummelnäs, oferece um café ao grupo de Lili:

As cadeiras não estão ao redor da mesa, mas da parede. O hábito deles é que cada um se sirva num prato daquilo que deseja e tome o seu lugar, e nós fizemos assim também. Primeiro tomei um café com chantili, depois comi dois pedaços de bolo; não me permitiram que comesse somente isso. Havia outros tipos de bolo e comi um pouco dos outros também.⁵⁹

Importantes marcadores culturais, a comensalidade, os alimentos, e seus modos de preparo demonstram a faceta de um povo em torno do convívio com a comida. Logo, “São assim criados, em torno da mesa, modos, maneiras e ingredientes que estabelecem uma identidade cultural destinada a representar um grupo e sua identidade.”⁶⁰ É nesse sentido que as diferenças entre Suécia e Iugoslávia começam a brotar e a reforçar em Lili a vontade de retornar à terra natal, o que acontece e é descrito nas páginas finais do diário. Durante o percurso de retorno à terra de

⁵⁵JAFFE, 2012, p. 55-56.

⁵⁶JAFFE, 2012, p. 57.

⁵⁷JAFFE, 2012, p. 47.

⁵⁸JAFFE, 2012, p. 75.

⁵⁹JAFFE, 2012, p. 66.

⁶⁰BUNN, 2016, p. 28.



origem, a angústia de não saber se reencontraria sua família e sua casa é agravada com a chegada a um país em ruínas, com seus cidadãos em situação de miséria. Em Zagreb, hoje capital da Croácia, ao invés de serem recebidas na estação de trem com alegria e doces, as sobreviventes encontram iugoslavos que lhes pedem comida:

Ficamos em quarentena ao descer na estação de Zagreb. Fecharam-nos. Vieram algumas pessoas, corremos até elas, já que estávamos acostumados com que os visitantes trouxessem algo. Desejamos que nos dessem algo iugoslavo. Surpresa desagradável: eles nos pedem, sempre com a mesma pergunta: “Vocês têm chocolate?”.⁶¹

Na antiga cidade iugoslava de Stremška Mitrovica, hoje pertencente à Sérvia, o contexto de privação continua: “A comida é ruim, apenas milho, pão de milho, almoço cozido de milho. Tudo isso seria até suportável, se a dor em nossas almas fosse ao menos um pouco aplacada.”⁶² As dificuldades enfrentadas pela população destruída pela Segunda Guerra, com destaque para a fome, a tristeza de não mais rever parentes e amigos, mas também a alegria dos reencontros, são alguns dos temas que marcam o desfechado diário de Lili Jaffe. Aspectos da vida futura da narradora, a migração para o Brasil, o casamento e a relação com filhas e netos, são aprofundados por Noemi e Leda nos textos de *O que os cegos estão sonhando?*. Neles, e justamente no encontro de vozes narrativas de diferentes gerações, Noemi prossegue a ruminação das memórias alimentares e gustativas compartilhadas com sua mãe. A culinária judaica marca a mesa da família Jaffe a partir do preparo de alimentos salgados aprendidos por Lili em sua terra natal: “O goulash, o cholent, que ela ficava preparando durante a noite toda, tendo que acordar duas vezes para mexer.”⁶³

Influenciada pelos ritos religiosos, Lili também elaborava doces bem diferentes daqueles que comeria durante a estadia na Suécia. Delícias que marcam as lembranças de Noemi, criança bastante atenta à performance de sua mãe na cozinha: “E os bolos do Yom Kipur: rocambole de chocolate, com o chocolate respingando quente; rocambole de nozes.”⁶⁴ O cuidado com o preparo dos alimentos se estendia aos modos de preparo e de apresentação, despertadores do apetite e da imaginação da filha:

⁶¹JAFFE, 2012, p. 86.

⁶²JAFFE, 2012, p. 87.

⁶³JAFFE, 2012, p. 109.

⁶⁴JAFFE, 2012, p. 110.



Tinha as salsichas cortadas em pedacinhos e montadas sobre bolinhas de pão preto, espetadas com um palito de dente: eram os soldadinhos. Tinha o frango cozido no centro do prato, cercado de arroz e com molho esbranquiçado nas bordas: era a ilha. Os bolinhos de massa de batata recheados de geleia e, com os restos da massa, umas tirinhas, que eram as cobrinhas.⁶⁵

A partir das lembranças de sua mãe relatadas no diário, bem como das vivências familiares no Brasil, Noemi elabora a presença central da comida, frisando não apenas a fome e os excessos de doces que marcaram Lili antes e após a libertação do campo de concentração. Na obra, as reminiscências dos pratos que, em sua infância, sua mãe preparava com esmero e ludicidade ampliam e dão outros sentidos para o tema em questão. Por mais que essas lembranças transitem pelo trauma, momento indelével na vida da matriarca da família Jaffe, também demonstram o amor e o cuidado materno minucioso que persistiram nas vidas das sobreviventes do nazismo, a exemplo de Lili Jaffe. Assim como as evocações memorialísticas e afetivas provocadas pela *madeleine* de Proust, a comida rememorada por Noemi Jaffe diz não apenas dos sabores de sua infância, mas também do apetite pela vida que sua mãe manteve apesar de Auschwitz.

Referências

BENJAMIN, Walter. *Imagens do pensamento*. In: _____. *Rua de mão única*. 4. ed. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho; José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 143-277. (Obras Escolhidas II).

BUNN, Daniela. *O alimento da literatura: uma questão cultural*. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2016.

MONTANARI, Massimo. *Sistemas alimentares e modelos de civilização*. In: FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo (Orgs.). *História da alimentação*. Tradução de Luciano Vieira Machado; Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Estação Liberdade, 1998. p. 108-120.

GOLDHAGEN, Daniel Jonah. *Os carrascos voluntários de Hitler: o povo alemão e o Holocausto*. Tradução de Luís Sérgio Roizman. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

JAFFE, Noemi. *O que os cegos estão sonhando?: com o Diário de Lili Jaffe (1944-1945) e texto final de Leda Cartum*. Tradução do Diário de Lili Jaffe: Aleksandar Jovanović. São Paulo: Editora 34, 2012.

⁶⁵JAFFE, 2012, p. 109.



LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes: os delitos, os castigos, as penas e as impunidades*. 2. ed. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

QUEIROZ, Maria José de. *A literatura e o gozo impuro da comida*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1994.

SAIDEL, Rochelle G. *As judias do Campo de Concentração de Ravensbrück*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). *História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p. 59-88.

Recebido em: 5/9/2023

Aprovado em: 5/10/2023